



## Câmara dos Deputados

Comissão de Direitos Humanos e Minorias



### REQUERIMENTO N.º 71/2004

(Do Sr. Luiz Alberto)

Requer a realização de **audiência pública**, em parceria com o Espaço Cultural Zumbi dos Palmares, para debater o tema: **Capoeira Angola no Combate ao Racismo**, como parte da programação da III Jornada África-Brasil – Evento Comemorativo do Dia da Consciência Negra.

Senhor Presidente,

Nos termos regimentais, requeiro a Vossa Excelência, ouvido o Plenário desta Comissão, a realização de **audiência pública** para debater o tema: **Capoeira Angola no Combate ao Racismo**, em parceria com o Espaço Cultural Zumbi dos Palmares, como parte da programação da III Jornada África-Brasil - Evento Comemorativo do Dia da Consciência Negra. Na oportunidade será lançada a revista “Toques D’Angola”.

#### Justificativa

O debate vai retomar os aspectos mais importantes da história recente da Capoeira Angola (1980-2004), demonstrando que os grupos criados nesse período afirmaram as raízes africanas da cultura negra e assumiram o compromisso com a denúncia do racismo no Brasil, rompendo com o discurso da democracia racial.

Ao fazer isso, criaremos formas de politização e de participação política fora dos canais tradicionais da política formal, evitando, ao mesmo tempo, a adoção de modelos separatistas, mantendo abertos à participação de quaisquer indivíduos interessados em participar e aprender Capoeira Angola. Além disso, incorporaram a preocupação com a questão de gênero, em um espaço historicamente construído como masculino, e contribuíram para a produção de outros modelos de estética negra e de usos do corpo negro, que se contrapõem à super exposição e comercialização dos corpos negros incentivada pela indústria do entretenimento e do turismo.

Para concluir, deverá ser enfatizado que a ‘comunidade’ da Capoeira Angola hoje é heterogênea, incluindo pessoas de origens étnicas e raciais, classes sociais, origens nacionais, gêneros, idades e orientações sexuais distintas. É também uma ‘comunidade’ independente do Estado e que atravessa as fronteiras nacionais. Esta heterogeneidade é o pano de fundo para as construções identitárias dos ‘angoleiros’ e ‘angoleiras’. Portanto, afirmar-se como ‘angoleiro(a)’ hoje implica em lidar com tal diversidade, afastando qualquer ideal de pureza e homogeneidade.

Sala das Comissões, 21/10/2004

Deputado Luiz Alberto  
PT/BA